



## BASTA!<sup>128</sup>

*por Rosana Lago, Advogada, Presidente da FNMD<sup>129</sup>*

Hoje eu estou angustiada.

Nas redes sociais, o cenário do feminicídio fala mais alto do que qualquer outra coisa. Cada caso me choca, me atravessa, me rasga. Um pior que o outro.

Um mais arrepiante do que o outro. Um mais doloroso para a minha alma de mulher. E pior: de mulher com deficiência.

Nós carregamos vulnerabilidades que a sociedade insiste em ignorar. Mas o que me atravessa junto a tantas outras mulheres é o gênero. É ser mulher num país que nos trata como descartáveis. Eu me vejo com medo de viver numa sociedade sexista, machista, cruel e perversa — onde matar mulher virou quase sinônimo de ser homem, de se afirmar macho, de exercer poder pela crueldade.

Dói.

Dói ver que este país deixa suas mulheres morrerem de forma brutal.

Dói quando lembro que mulher é vida, é origem, é força criadora — e que a única dor que nos pertence seja a dor “natural” do parto, nunca a dor provocada pelo machismo, pela violência, pela tentativa de nos destruir.

Dói sentir que essa violência pode se tornar banal. Não, não devemos permitir.

E quando mulheres vítimas de violência sobrevivem... sobreviver, também, dói.

Eu estou chocada...

Me indigno, me revolto, me sinto impotente diante dessa avalanche de crueldade.

E pergunto:

Por quê?

Por que nossos corpos têm que ser submissos aos homens?

Por que nossas vontades têm que ser ignoradas?

Por que não podemos simplesmente dizer não?

Não quero mais.

Não quero transar.

Não quero continuar.

---

<sup>128</sup> **Como citar este texto:** LAGO, Rosana. Basta! **Revista COCEVID**, v. 3, n. 1, p. 343–344, 2026.

<sup>129</sup> FNMD - Frente Nacional de Mulheres com Deficiência



Por que dizer “não” ainda coloca tantas de nós na mira da morte?

Vivemos dentro de um sistema patriarcal que fabrica monstros. Homens que dizem amar, mas humilham. Que abraçam num dia e batem no outro. Homens doentes, incapazes de amar, mas cheios de desejo de possuir.

Muitas pessoas me perguntam como nasceu a FNMD e por quê veio o desejo de criar esse coletivo...

Porque eu fui vítima de um relacionamento abusivo.

Porque eu sabia que outras mulheres com deficiência vivem e viviam violência em suas casas — e vivem sós, silenciadas, desacreditadas pela própria família. Que elas precisavam se unir, ecoar suas vozes, pedir proteção.

Dizendo: estamos aqui. Precisamos ser vistas, ouvidas e protegidas.

Foi muito duro expor o que eu vivi. Ainda hoje, dispara os gatilhos...

Mas é necessário falar, escancarar para que a sociedade e Estado entendam: mulheres com deficiência também sofrem violência!!

Dentro de relacionamentos, dentro das famílias, dentro das instituições.

E nós precisamos — e exigimos — proteção.

Não vamos aceitar omissão do Estado.

Não vamos aceitar que nossos direitos sejam apagados.

É por isso que a campanha Mulher com Deficiência Sofreu Violência? Põe no

BO existe.

Porque precisamos saber quantas de nós também morrem todos os dias.

Quantas estão dentro da estatística cruel que diz que, no Brasil, quatro mulheres são assassinadas diariamente. E que este é o quinto país que mais mata mulheres no mundo.

Basta!

Basta de feminicídio.

Basta de invisibilidade.

Basta de violência.

Nós, mulheres, merecemos viver.

Merecemos existir sem medo.

Merecemos paz.